

COMO PENSAR TUDO ISTO?

- Um manual para ensinar como pensar
- Um manual adaptável a diversas necessidades
- Recursos que tornam o ensino da filosofia estimulante e apelativo



FALSIFICAÇÃO

PARADIGMAS



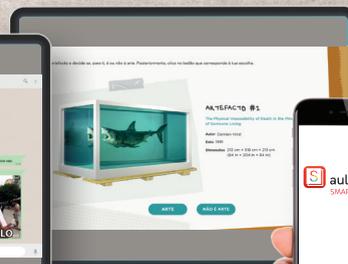
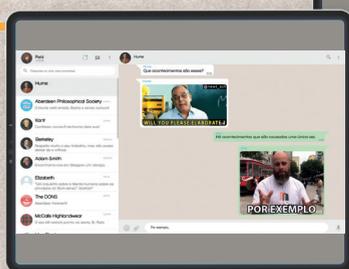
Dossiê do Professor

Manual Versão do Professor

Soluções do manual

Manual do Aluno

Caderno do Estudante



Um manual para ensinar como pensar



O conhecimento e a racionalidade científica e tecnológica
Descrição e interpretação da atividade cognoscitiva

1

Análise comparativa de duas teorias explicativas do conhecimento

Para este capítulo tens à tua disposição na  aula digital, entre diversos outros recursos, o simulador **Esteticamente 1.0.**, o jogo **Inquietamente**, o simulador de **Exames e testes** e o **Chatbot**.



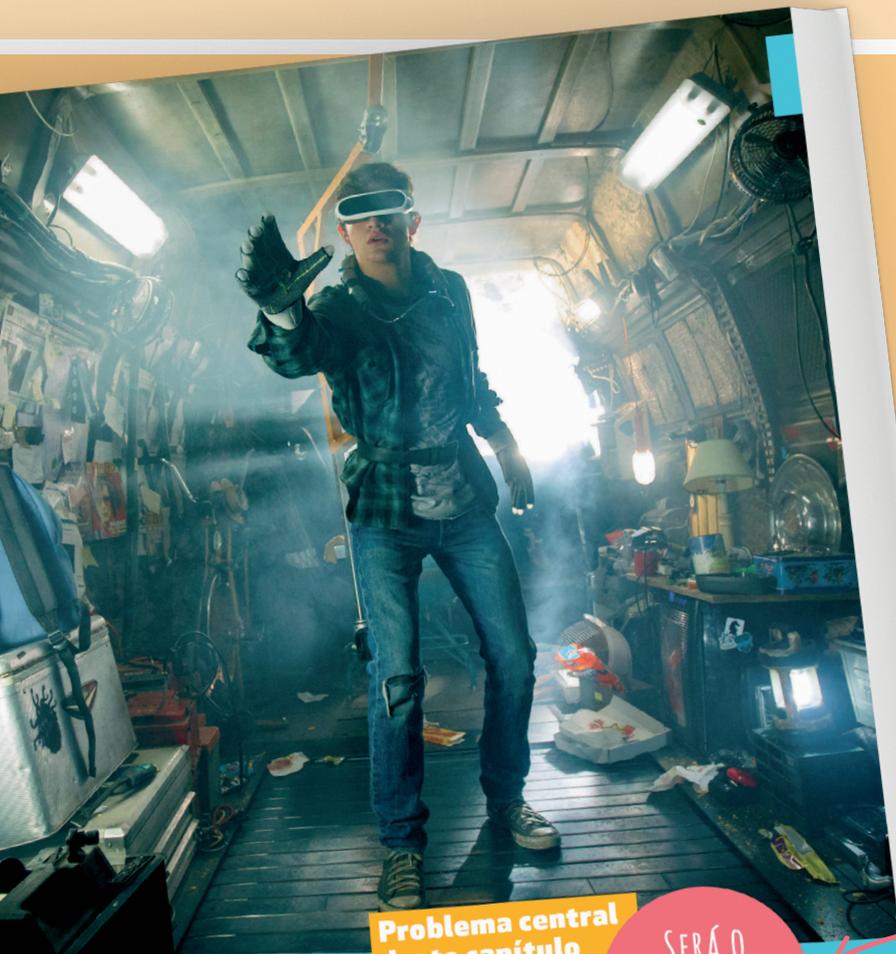
Sobre este capítulo

Este capítulo é dedicado à epistemologia. A epistemologia é a área da filosofia que se dedica ao estudo dos problemas relativos ao conhecimento. Assim, ao longo deste capítulo iremos discutir problemas relativos à natureza, às fontes, ao alcance e aos limites do conhecimento. Para isso, iremos começar por caracterizar sumariamente a noção de conhecimento. Em seguida, iremos considerar o desafio cético que põe em causa a possibilidade do conhecimento. E, por fim, iremos comparar duas respostas possíveis a esse desafio: o racionalismo de René Descartes e o empirismo de David Hume.

No final de

1. Apresentar uma
2. Formular explic
3. Caracterizar, e
4. Formular obje
5. Caracterizar c
6. Avaliar crítica
7. Caracterizar
8. Avaliar crítica

Apresentação do assunto principal



Problema central deste capítulo

SERÁ O CONHECIMENTO POSSÍVEL?

Este capítulo deves ser capaz de:

caracterização de conhecimento.
o problema da possibilidade do conhecimento.
em traços gerais, a resposta cética ao problema da possibilidade
nto.
ções ao ceticismo.
o racionalismo cartesiano.
amente o racionalismo cartesiano.
o empirismo de David Hume.
amente o empirismo de David Hume.

Prof.



auladigital

- Apresentação PPT
- Simulador de exames e testes
- Kahoot
- Teste interativo
- Dossiê do Professor em formato editável (Fichas de avaliação, Questões e outros recursos)

Organização do manual

- Capítulos 1 a 4 dedicados aos **problemas e teorias filosóficas** destacados nas **Aprendizagens Essenciais**.
- Capítulo 5 apresenta orientações sobre como escrever um **ensaio filosófico** e disponibiliza o acesso direto a recursos digitais para dois temas/problemas.

Identificação do problema central em análise



Explicitação dos objetivos de aprendizagem

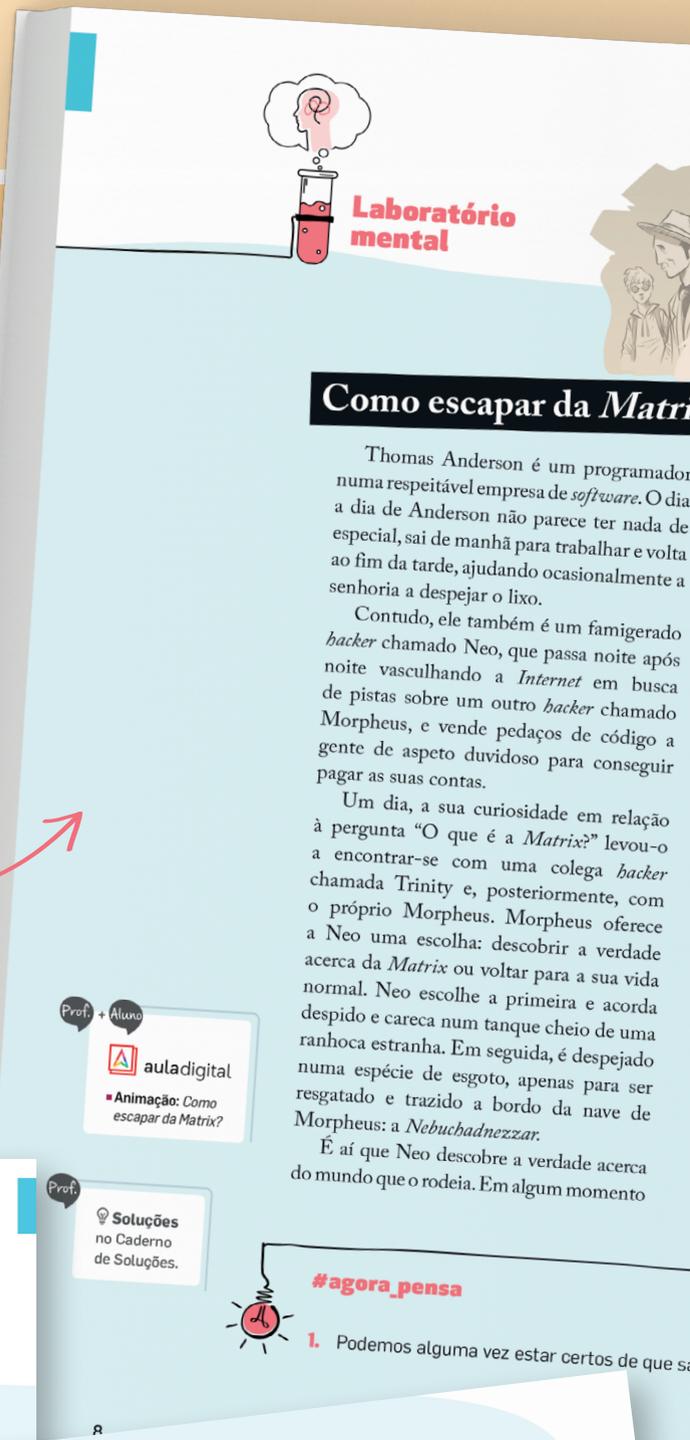
Um manual para ensinar como pensar

Pretende-se munir os alunos de ferramentas que os ajudem a pensar de modo crítico e fundamentado.

Ensinar aos alunos não *o que* pensar mas *como* pensar.



Os problemas filosóficos são sempre o ponto de partida através da rubrica **Laboratório mental**.



Objções à resposta empirista de Hume

O contraexemplo do tom de azul desconhecido

O próprio David Hume prevê a possibilidade de se encontrar um contraexemplo ao princípio da cópia. Vejamos em que consiste esse contraexemplo.

Laboratório mental

O tom de azul desconhecido

Suponhamos [...] que uma pessoa foi dotada de visão durante trinta anos e se familiarizou perfeitamente com cores de todos os tipos, com exceção, digamos, de um determinado matiz de azul, com o qual nunca calhou deparar-se. Suponhamos que todos os diferentes matizes dessa cor, com exceção daquele único, sejam colocados perante essa pessoa, descendo gradualmente do mais escuro para o mais claro. É óbvio que ela perceberá um vazio no lugar onde falta aquele matiz, e perceberá que nesse lugar há uma distância entre as cores contíguas maior do que em qualquer outro. Assim, a minha pergunta é se lhe seria possível, a partir da sua própria imaginação, suprir essa deficiência e trazer à sua mente a ideia daquele matiz em particular, apesar de este nunca lhe ter sido transmitido pelos sentidos.

David Hume (1748). *Investigação sobre o Entendimento Humano*. Trad. João Paulo Monteiro. Lisboa: INCM, 2002, pp. 36-37

#agora_pensa

1. Será que podemos formar a ideia de um matiz de uma cor que nunca nos foi transmitido através dos sentidos? Porquê?

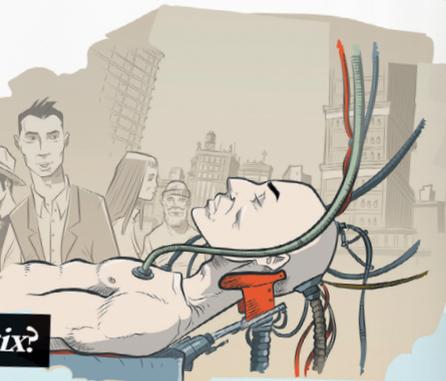
Este contraexemplo consiste em imaginar uma situação em que alguém é colocado perante uma vasta gama de tons de azul, tendo um dos tons de azul sido propositalmente escondido. Alguém que nunca tenha tido experiência desse particular tom de azul **pode, ainda assim, formar uma ideia a seu respeito, mesmo na ausência de uma**



Laboratório mental

"Ciências" da criação?!

Uma definição prática de ciência foi dada por um tribunal norte-americano no início dos anos 80 do século XX. Nesse julgamento, estava em causa o ensino das "ciências da criação", segundo as quais o universo, a energia e a vida teriam sido criados a partir do nada, a geologia da Terra deveria ser explicada pela ocorrência de um grande dilúvio global, os homens e os macacos teriam uma descendência distinta e a Terra teria entre 5700 e 10 000 anos. De acordo com uma lei do estado do Arkansas, esta teoria deveria ser obrigatoriamente ensinada nas aulas de ciências públicas, em pé de igualdade com a teoria da Evolução das Espécies desenvolvida por Charles Darwin e o antepassado comum e para quem o juiz William



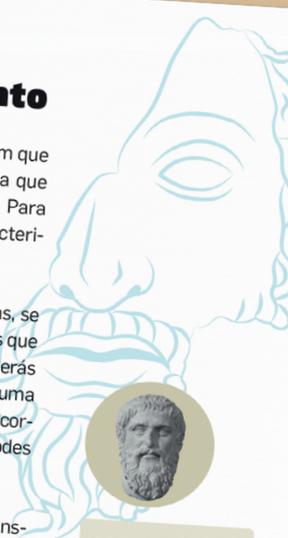
1. O problema da definição do conhecimento

Desde a Antiguidade, os filósofos têm-se interessado por descobrir as condições em que podemos afirmar que sabemos seja o que for. A **epistemologia** é a área da filosofia que se dedica a investigar a natureza, as fontes, o alcance e os limites do conhecimento. Para podermos discutir seriamente estes problemas temos de começar por fazer uma caracterização do próprio conhecimento.

A resposta à pergunta **"O que é o conhecimento?"** pode parecer bastante óbvia, mas, se pensares nisso com atenção, é muito provável que reconheças que já te aconteceu julgares que sabias uma coisa que na realidade não sabias. Se refletires seriamente sobre o assunto, poderás acabar por sentir que talvez haja muito poucas coisas que podes afirmar que sabes com alguma segurança. À primeira vista, pode parecer-te evidente que és um ser humano, que tens um corpo, que estás a ler um texto, que tens um manual de Filosofia à tua frente; mas será que podes dizer que sabes realmente estas coisas? O que sabemos acerca do que é conhecer?

Parece seguro afirmar que conhecemos ou sabemos algo na medida em que temos consciência de certos aspetos da realidade. Neste sentido, o conhecimento pode ser entendido como uma **relação** entre um **sujeito** – que conhece – e um **objeto** – que é conhecido. Aqui, a palavra "objeto" não deve ser entendida no seu sentido habitual, como algo físico, que ocupa determinado espaço e tempo, mas sim como uma porção da realidade com a qual o sujeito está direta ou indiretamente relacionado. Os nossos próprios estados mentais podem constituir-se como objetos de conhecimento. Podemos, por exemplo, saber que nos estamos a sentir tristes, ou que estamos com dúvidas acerca do que significa conhecer.

No entanto, podemos estar errados quando julgamos que sabemos seja o que for. Tal como é sugerido pela experiência de pensamento com que abrimos este capítulo, as coisas podem parecer-nos óbvias e, ainda assim, não passarem de uma ilusão. Por esse motivo, é importante determinar o que seria necessário para podermos afirmar que, de facto, conhecemos/sabemos o que quer que seja, para, em seguida, verificar se essas condições podem alguma vez ser devidamente satisfeitas. Ou seja, vamos começar por esboçar uma resposta para o problema da definição de conhecimento: **"O que é o conhecimento?"**, para, em seguida, nos debruçarmos sobre o problema da possibilidade do conhecimento: **"O conhecimento possível?"**.



Platão
(c. 428-348 a.C.)
Um dos mais famosos filósofos da Grécia Antiga, juntamente com o seu mestre Sócrates e com o seu discípulo Aristóteles. Depois da condenação à morte do seu velho mestre, Platão dedicou-se a escrever uma série de diálogos nos quais vemos Sócrates discutir problemas filosóficos com diversos interlocutores. Ao que tudo indica, alguns desses diálogos são bastante fiéis à figura de Sócrates, mas outros servem de pretexto para Platão expor o seu próprio pensamento acerca de assuntos como política, conhecimento, ética, beleza, imortalidade da alma, etc.

do século XXI, um conjunto de totós que nunca se deram ao trabalho de assistir ao filme *Exterminador Implacável* criou uma poderosíssima Inteligência Artificial, que acabou por tentar dominar a humanidade, conduzindo assim a uma devastadora guerra entre máquinas e humanos.

Numa tentativa desesperada para vencer a guerra, os humanos escureceram os céus, tentando privar as máquinas da energia solar de que precisavam para se manterem em funcionamento. Mas o tiro saiu-lhes pela culatra, pois as máquinas deram a volta à situação e começaram a utilizar os próprios humanos como fonte de energia. Para garantir que os humanos não ofereciam resistência a esse processo, as máquinas mergulhavam as suas mentes numa simulação perfeita da sociedade no final do século XX: a *Matrix*. Uma vez que essa simulação era indistinguível da realidade, a maioria das pessoas não tinha mais razões para suspeitar que não estava a viver no mundo real do que qualquer um de nós. Como poderíamos saber a verdade?

Fonte: Filme *Matrix*



Laboratório mental

Será arte?

Catarina Vidal é curadora de uma galeria de arte e enfrenta um dos momentos mais estranhos da sua carreira. Até há cerca de uma semana, Vidal exibia orgulhosamente a sua peça favorita: uma escultura sem título de Henry Moore, que foi descoberta após a morte do artista. Os contornos sinuosos e o equilíbrio geométrico captam simultaneamente a essência da natureza e matemática da natureza. Era nisso que Vidal acreditava, mas que afinal não se tratava de uma obra de arte; a pedra foi encontrada antes que a escultura fosse moldada por mãos humanas. A erosão do vento e a erosão do tempo deram ao seu aspeto atual. Moore usava a pedra para o seu atelier trabalhar, mas acabou por descobrir que havia nada que pudessem fazer com o aspeto que a natureza lhe oferecia. Acontece simplesmente que a natureza é mais rápida que a gente a captar a natureza. A pedra foi encontrada antes que a escultura fosse moldada por mãos humanas. A erosão do vento e a erosão do tempo deram ao seu aspeto atual. Moore usava a pedra para o seu atelier trabalhar, mas acabou por descobrir que havia nada que pudessem fazer com o aspeto que a natureza lhe oferecia. Acontece simplesmente que a natureza é mais rápida que a gente a captar a natureza.

Prof. M. Almeida
aula digital
Animação: Será arte?



Laboratório mental

Onde está Deus?

Na missão "Kyrie Eleison" do videogame *Assassin's Creed Rogue* somos envolvidos pelo seguinte cenário: É o amanhecer de um novo dia. Um jovem capitão inteligente, conhecido como Shay Cormac, entra pela foz do Tejo, junto a Lisboa, no seu próprio navio. Ele foi enviado por uma organização antiga para encontrar e recuperar uma relíquia poderosa de uma raça agora extinta. Estamos em 1 de Novembro de 1755. Shay caminha pelas ruas da capital portuguesa, enquanto os sinos das igrejas estão a tocar para reunir os fiéis em celebração da Festa de Todos os Santos, como o próprio Shay reconhece:
– "Festa de Todos os Santos, que vista! Eu aqui estou eu, procurando por uma relíquia de uma era anterior a Adão e Eva. Oue dias es-

mento, vamos assumir que aquilo que nos parece que alguém sabe alguma coisa, ou, dito de outra maneira, dada a proposição, em que condições S

pergunta é-nos apresentada no século

"partida de conhecimento"¹, pois essas condições são necessárias e suficientes para o conheci-



chamas, destruída pelo terramoto. Este terramoto causa a morte de dezenas de milhares de pessoas (grande parte das quais estavam nas igrejas) e destrói mais de metade dos edifícios da cidade, incluindo famosos palácios, bibliotecas e obras de arte. No final, Shay alcança o seu navio, que conseguiu seguir viagem evitando ser destruído. Um marinheiro ajuda-o

¹ Também se diz, por vezes, "definição tradicional de conhecimento".

Um manual adaptável a diversas necessidades



Exposição clara e sistemática das principais ideias e argumentos incluídos nos textos.

A ideia de Deus

Como vimos anteriormente, de entre as várias ideias que Descartes encontra na sua mente, existe uma que se distingue de todas as outras: a **ideia de Deus**, ou **ser perfeito**. Mas por que razão é esta ideia tão especial? Bem, esta ideia é especial porque provar que Deus existe e não é enganador talvez seja a única forma de podermos estar certos de muitas outras coisas para além da nossa existência enquanto pensamento, pois **um criador supremo e seguramente bom não nos teria criado de forma que estívéssemos permanentemente a ser enganados e nunca pudéssemos conhecer a verdade**.

Para provar que Deus existe, Descartes recorre, entre outros, ao chamado **"argumento da marca"**. Vejamos, em seguida, em que consiste esse argumento.

O argumento da marca

Para compreendermos melhor o argumento da marca é importante percebermos por que razão **a ideia de Deus é uma ideia inata** e não uma ideia adventícia ou factícia. Em primeiro lugar, importa destacar que a ideia de Deus **não pode ser uma ideia adventícia**, pois, uma vez que se trata da ideia de um ser imaterial, esta não parece ser provocada por objetos materiais exteriores à mente. Em segundo lugar, **não pode ser uma ideia factícia** porque é demasiado perfeita para ser criada por um ser imperfeito. Descartes pensava que qualquer causa tinha de ser pelo menos tão perfeita quanto os seus efeitos e, uma vez que ele próprio reconhecia que duvidava e que não sabia muitas coisas, apercebeu-se de que ele mesmo não era um ser perfeito e, conseqüentemente, não podia ser ele a causa de uma ideia tão perfeita quanto a ideia de Deus.

Sendo assim, a única alternativa possível era esta ideia estar no seu espírito desde sempre, isto é, ser uma ideia inata, e ter sido lá colocada por um ser pelo menos tão perfeito quanto ela, ou seja, por Deus, que teria implantado lá essa ideia no momento da criação, como uma espécie de assinatura, ou marca, do criador. Isto significa que, para **Descartes, o simples facto de termos a ideia de Deus é suficiente para podermos concluir que Deus existe**. Descartes apresenta-nos este argumento nas linhas que se seguem:

“Depois disto, tendo refletido que duvidava e que, por consequência, o meu ser não era inteiramente perfeito, pois via claramente que conhecer é uma maior perfeição do que duvidar, lembrei-me de procurar de onde me teria vindo o pensamento de alguma coisa mais perfeita do que eu; e conheci, com evidência, que se devia a alguma natureza que fosse, efetivamente, mais perfeita. [...] De maneira que restava apenas que ela tivesse sido posta em mim por uma natureza que fosse verdadeiramente mais perfeita do que eu, e que até tivesse em si todas as perfeições de que eu podia ter alguma ideia, isto é, para me explicar com uma só palavra, que fosse Deus.”

René Descartes (1637). *Discurso do Método*. Trad. João Gama. Lisboa: Edições 70, 2013, pp. 52-53



Ideia-chave do texto

Além de mim, tem de existir um Deus ou ser perfeito que é a origem da minha ideia de perfeição.

Ideia-chave identificada para apoio à análise do texto.

Textos filosóficos para análise direta em sala de aula.

Formulação explícita na forma canónica dos argumentos centrais em análise.

O problema das cadeias de justificações é que elas podem simplesmente regressar infinitamente de justificação em justificação, sem nunca chegarmos a justificar devidamente coisa nenhuma.

Assim, o argumento central a favor do ceticismo, conhecido como **"argumento cético da regressão infinita"**, pode ser formulado conforme se segue:

- (1) As nossas crenças justificam-se com base noutras crenças.
- (2) Se as nossas crenças se justificam com base noutras crenças, então sempre que tentamos justificar uma crença caímos numa regressão infinita da justificação.
- (3) Se sempre que tentamos justificar uma crença caímos numa regressão infinita da justificação, então nunca temos crenças justificadas.
- (4) Se nunca temos crenças justificadas, não há conhecimento.
- (5) Logo, não há conhecimento.

A **premissa 1** limita-se a estabelecer que todas as nossas crenças se justificam com base noutras crenças. Esta premissa parece, à partida, bastante intuitiva, pois sempre que nos justificamos procuramos justificar qualquer crença, a única coisa que podemos apresentar é outra crença.

Na **premissa 2**, diz-se que o facto de as nossas crenças se justificarem com base noutras crenças, quando tentamos justificar uma crença, acabamos por cair numa regressão infinita da justificação, então nunca conseguiremos ser bem-sucedidos em justificar qualquer crença. Se tentamos justificar uma crença, acabamos por retroceder de crença em crença procurando justificar a seguinte, sem nunca encontrar uma crença que possa por um pouco de fundamento à crença que tentamos justificar.

A **premissa 3** afirma que, se sempre que tentamos justificar uma crença acabamos por retroceder de crença em crença procurando justificar a seguinte, então nunca conseguiremos ser bem-sucedidos em justificar qualquer crença. Se tentamos justificar uma crença, acabamos por retroceder de crença em crença procurando justificar a seguinte, sem nunca encontrar uma crença que possa por um pouco de fundamento à crença que tentamos justificar.

A **premissa 4** afirma que, se sempre que tentamos justificar uma crença acabamos por retroceder de crença em crença procurando justificar a seguinte, então nunca conseguiremos ser bem-sucedidos em justificar qualquer crença. Se tentamos justificar uma crença, acabamos por retroceder de crença em crença procurando justificar a seguinte, sem nunca encontrar uma crença que possa por um pouco de fundamento à crença que tentamos justificar.

A **premissa 5** afirma que, se sempre que tentamos justificar uma crença acabamos por retroceder de crença em crença procurando justificar a seguinte, então nunca conseguiremos ser bem-sucedidos em justificar qualquer crença. Se tentamos justificar uma crença, acabamos por retroceder de crença em crença procurando justificar a seguinte, sem nunca encontrar uma crença que possa por um pouco de fundamento à crença que tentamos justificar.

O cogito (a priori)

O próprio Descartes mostra que o argumento do Gênio Maligno não é tão inabalável quanto à primeira vista possa parecer. Pelo contrário, em vez de conduzir à conclusão de que nada se sabe, a hipótese do Gênio Maligno conduz à conclusão de que **há coisas que podemos, garantidamente, saber**. O problema está na segunda premissa do argumento, pois, ainda que eu não possa saber se estou, ou não, a ser enganado por um Gênio Maligno, há uma crença da qual não posso seriamente duvidar:



Assim, mesmo que o Gênio Maligno exista e se esforce tanto quanto pode para me enganar, nunca me poderá convencer de que não existo, pois, para que me possa convencer seja do que for, eu tenho de existir. Descartes expõe a evidência do cogito nas palavras que se seguem:

Deito modo, pode dizer-se que Descartes encontrou uma forma de refutar o ceticismo por redução ao absurdo. O seu argumento pode ser sintetizado conforme se segue:

- (1) Se fosse verdade que nada se pode saber, então nem sequer poderíamos saber que existimos.
- (2) Mas sabemos que existimos (essa ideia não pode ser seriamente posta em causa).
- (3) Logo, é falso que nada se pode saber.

A importância do cogito no funcionalismo cartesiano é inquestionável. O cogito é uma crença básica, que não precisa de ser justificada com base noutras crenças e, por consequência, pode estabelecer-se como primeira evidência, travando a regressão infinita da justificação de que falavam os célticos e fornecendo os alicerces seguros que Descartes procurava para edificar o conhecimento.

Deito modo, Descartes pode considerar que o cogito representa um triunfo sobre o ceticismo. Por mais extremas que as nossas dúvidas possam ser, existir sempre pelo menos uma coisa que podemos saber com toda a certeza que existimos. Este conhecimento é absolutamente a priori, pois basta-me pensar para saber que esta proposição é verdadeira e fornecê-la informação acerca do mundo, a saber, de mim que existe pelo menos um ser pensante.

Mas será a crença no cogito suficiente para fundar todo o nosso conhecimento do mundo? Será que saber que existimos é suficiente para saber que temos um corpo e restaurar a nossa confiança nas nossas experiências perceptivas e nos nossos raciocínios?

Na verdade, o cogito não é, por si só, capaz de estabelecer de forma segura a verdade das nossas experiências perceptivas, nem a validade dos nossos raciocínios, pois enquanto não afastamos definitivamente o fantasma do Gênio Maligno não temos a certeza de que não estamos a ser enganados por ele, acreditando erradamente que temos um corpo, olhos, orelhas, nariz, que um quadrado tem quatro lados iguais, que dois e dois é igual a quatro, etc.

O dualismo cartesiano

Uma vez que constatamos que é capaz de imaginar que não tem um corpo (sem que isso implique que não existe), mas não é capaz de duvidar que existe enquanto ser pensante, Descartes concluiu que é essencialmente uma substância pensante (ou *res cogitans*), isto é, uma mente, ou alma imaterial, que existe independentemente do corpo e que é de natureza inteiramente distinta do mesmo. Descartes expressou essa ideia da seguinte forma:

“Depois, examinando atentamente o que eu era e vendo que podia supor que não tinha corpo algum e que não havia nenhum mundo, sem qualquer lugar onde eu existisse; mas que não podia fingir para mim que eu não existisse e que, pelo contrário, justamente porque pensava, me dividia da verdade das outras coisas, seguiu-se muito evidentemente e muito certamente que eu existia [...] compreendi que era uma substância, cuja existência ou não dependia e situava-se apenas e que, pois existia, não precisava de qualquer lugar nem dependia de coisa alguma material. De maneira que esse eu, isto é, a alma pela qual sou o que sou, é inteiramente distinta do corpo, e não mais fácil de conhecer do que este, e ainda que este não existisse, eu não deixaria de ser tal e qual eu sou.”

Resolvação (1671), *Discursos da Méthode*, Trad. José Gomes, Edições Saldanha, 19, 2013, pp. 79-82

Podemos formular as diferentes etapas deste argumento conforme se segue:

- (1) Posso conceber que existo sem ter um corpo.
- (2) Não posso conceber que existo sem ter uma mente/álma.
- (3) Se posso conceber que existo sem ter um corpo, mas não posso conceber que existo sem ter uma mente/álma, então a mente/álma não é igual ao corpo.
- (4) Logo, a mente/álma não é igual ao corpo.

A **premissa 1** justifica-se com base na hipótese do Gênio Maligno. Posso imaginar que existe um ser incrivelmente poderoso que me engana, fazendo-me acreditar que tenho um corpo, com braços, pernas e olhos, quando na realidade tudo isso não passa de uma mera ilusão.

A **premissa 2** fundamenta-se com base na evidência do cogito. Ainda que existo um Gênio Maligno e que eu possa não ter uma existência física, não posso duvidar de que existo enquanto ser pensante. Assim, ainda que possa imaginar que não tenho um corpo, não posso imaginar que não tenho uma mente ou alma.

Na **premissa 3**, Descartes está a pressupor que, se a mente e o corpo fossem uma e a mesma coisa, tudo o que podemos dizer acerca de uma, podemos dizer acerca do outro. Por exemplo, se a mão que o Henrique quer comer e a mão que o Francisco quer comer

Nota-chave do texto
“Penso, logo, existo” é uma crença absolutamente certa e inabalável.



#agora_pensa
tarefa
1. Se não posso saber que o Gênio Maligno não existe, então não posso saber nada. Será que Descartes aceitará esta proposição? Porquê?
2. Em que consiste o cogito?
3. Segundo Descartes, em que medida representa o cogito o triunfo sobre o ceticismo?
discussão
4. "Penso, logo, existo, por isso, se não pensar, não existo." Concordas com esta afirmação?

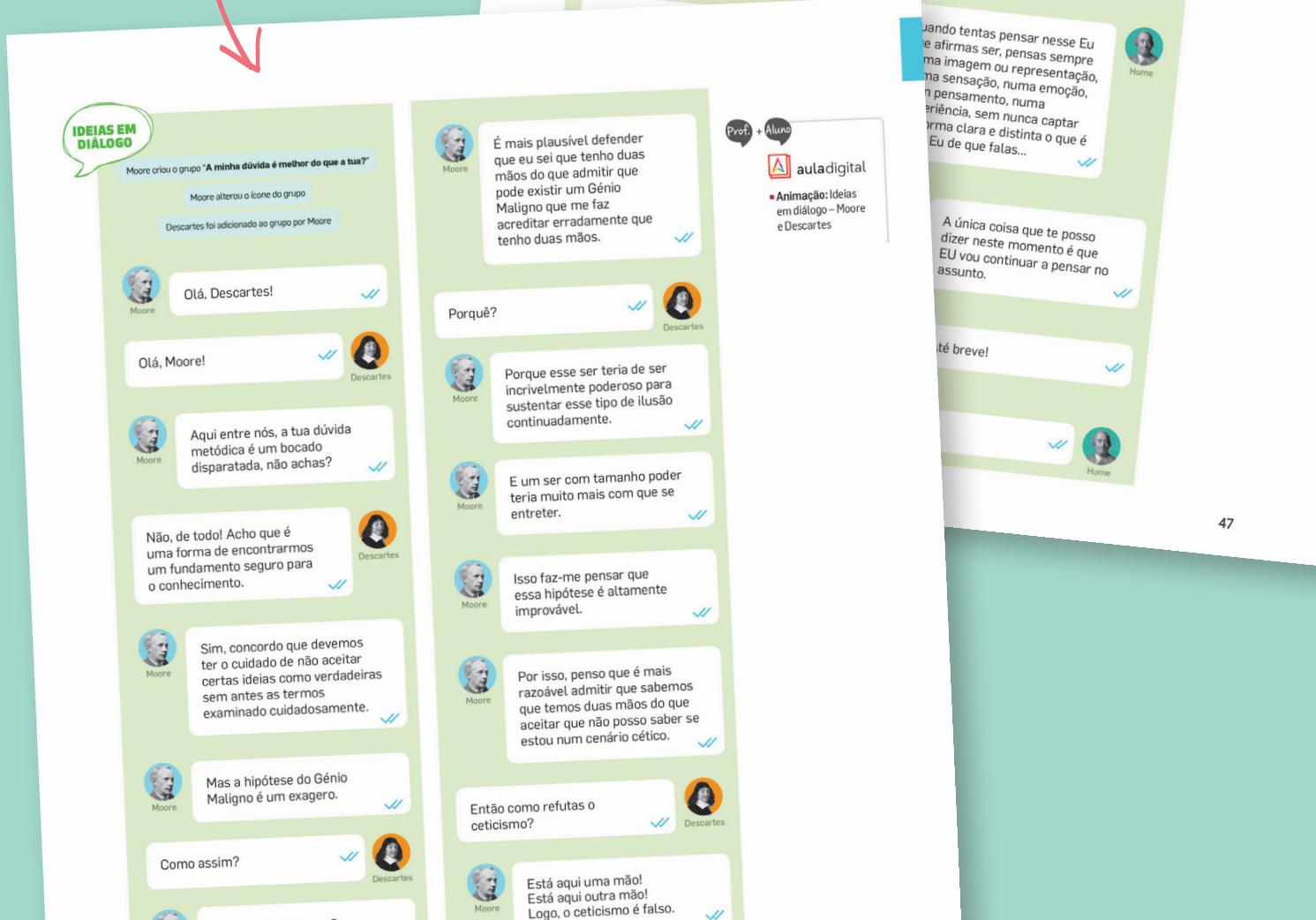
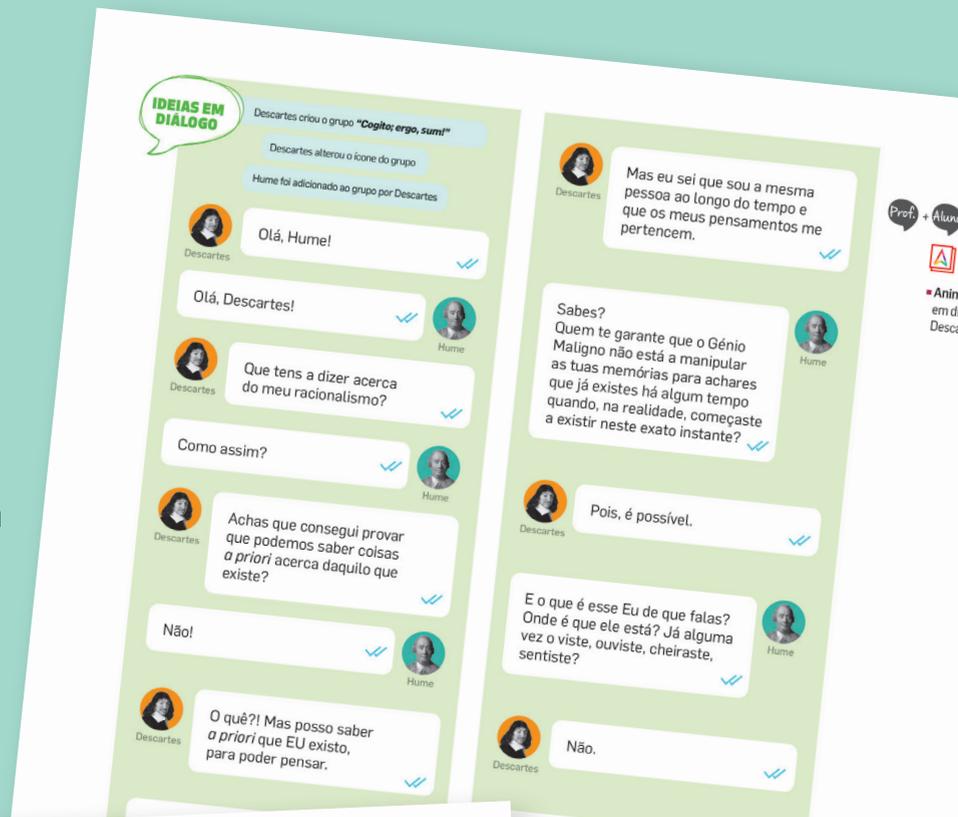
O professor pode optar por explorar cada uma destas três possibilidades isoladamente, ou combiná-las do modo que considerar mais adequado às necessidades dos seus alunos.

Recursos que tornam o ensino da filosofia estimulante e apelativo

ideias em diálogo

Diálogos imaginários entre filósofos que ajudam os alunos a compreender as ideias em confronto.

Os diálogos recriam o ambiente da popular aplicação WhatsApp e trazem os filósofos e as suas ideias para o universo dos alunos.





Esta estratégia argumentativa aplica-se igualmente à ideia de causalidade. Hume sugere que a nossa crença de que existe uma relação causal (ou conexão necessária) entre diferentes objetos ou acontecimentos não tem qualquer fundamento racional e corresponde apenas à expectativa de que um deles ocorra sempre que o outro ocorrer, devido à experiência que temos da conjunção constante desses dois acontecimentos. Mas, se Hume estiver certo, como se explica essa conjunção constante? **Parece mais razoável aceitar que as relações causais, de facto, existem do que supor que essas conjunções constantes simplesmente ocorrem no mundo de um modo casual.**

Prof. + Aluno
auladigital
Animação: Ideias em diálogo – Russell e Hume

IDEIAS EM DIÁLOGO

Russell está online
Hume está online

Russell: Olá, Hume!

Hume: Olá, Russell!

Russell: Tenho uma coisa para te dizer.

Hume: Diz.

Russell: Penso que temos justificação racional para acreditar na existência do mundo exterior, ainda que essa justificação não seja absolutamente infalível.

Hume: Que queres dizer com isso?

Russell: Acho que pode ser racional acreditar numa crença, mesmo na ausência de uma justificação absolutamente infalível, porque, de entre as alternativas disponíveis para a experiência, que se apresentam mais plausíveis, há outras.

Russell: E então, nesse caso é mais racional acreditar que essa é a verdadeira explicação por detrás da nossa experiência do que aceitar qualquer uma das alternativas.

Hume: Podes dar-me um exemplo?

Russell: Sim. Por exemplo, vejo o meu gato aparecer numa parte da sala e posteriormente vejo-o noutra espaço da casa. Parece bastante mais aceitável a hipótese de que ele se deslocou de um lado para o outro quando não o estava a observar do que achar que simplesmente deixou de existir quando parei de pensar nele e voltou a aparecer mais tarde, noutra espaço.

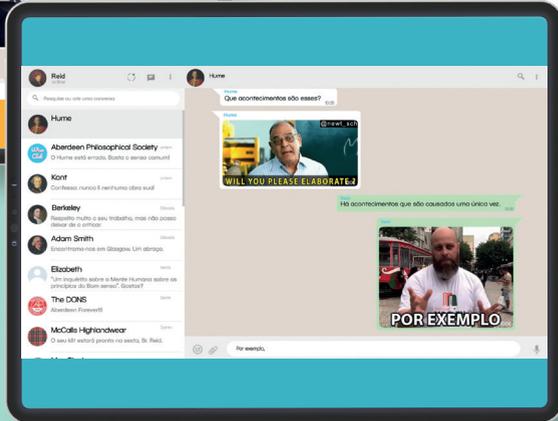
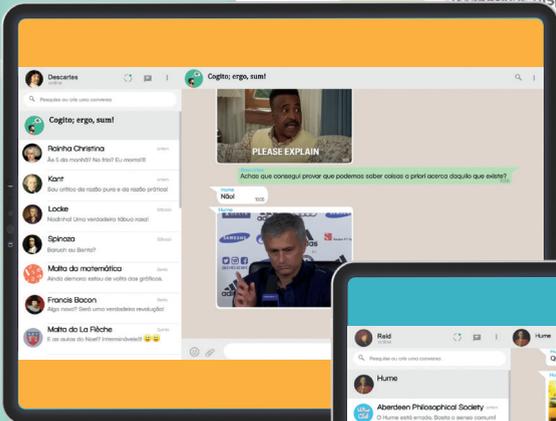
Hume: Isto encaixa melhor com a hipótese de ele existir independentemente das nossas mentes e de ser ele a verdadeira causa dessas percepções do que com qualquer uma das alternativas disponíveis.

Hume: No dia a dia, também não ponho em causa a existência do mundo exterior; só acho que, quando estamos a examinar o que é que podemos saber ao certo, devemos adotar uma atitude mais crítica.

Russell: Nesse aspeto não podia estar mais de acordo contigo! O problema deste mundo é que os homens sábios estão cheios de dúvidas e os ignorantes estão cheios de certezas.

Hume: E com isto me despeço. Até à próxima, Hume!

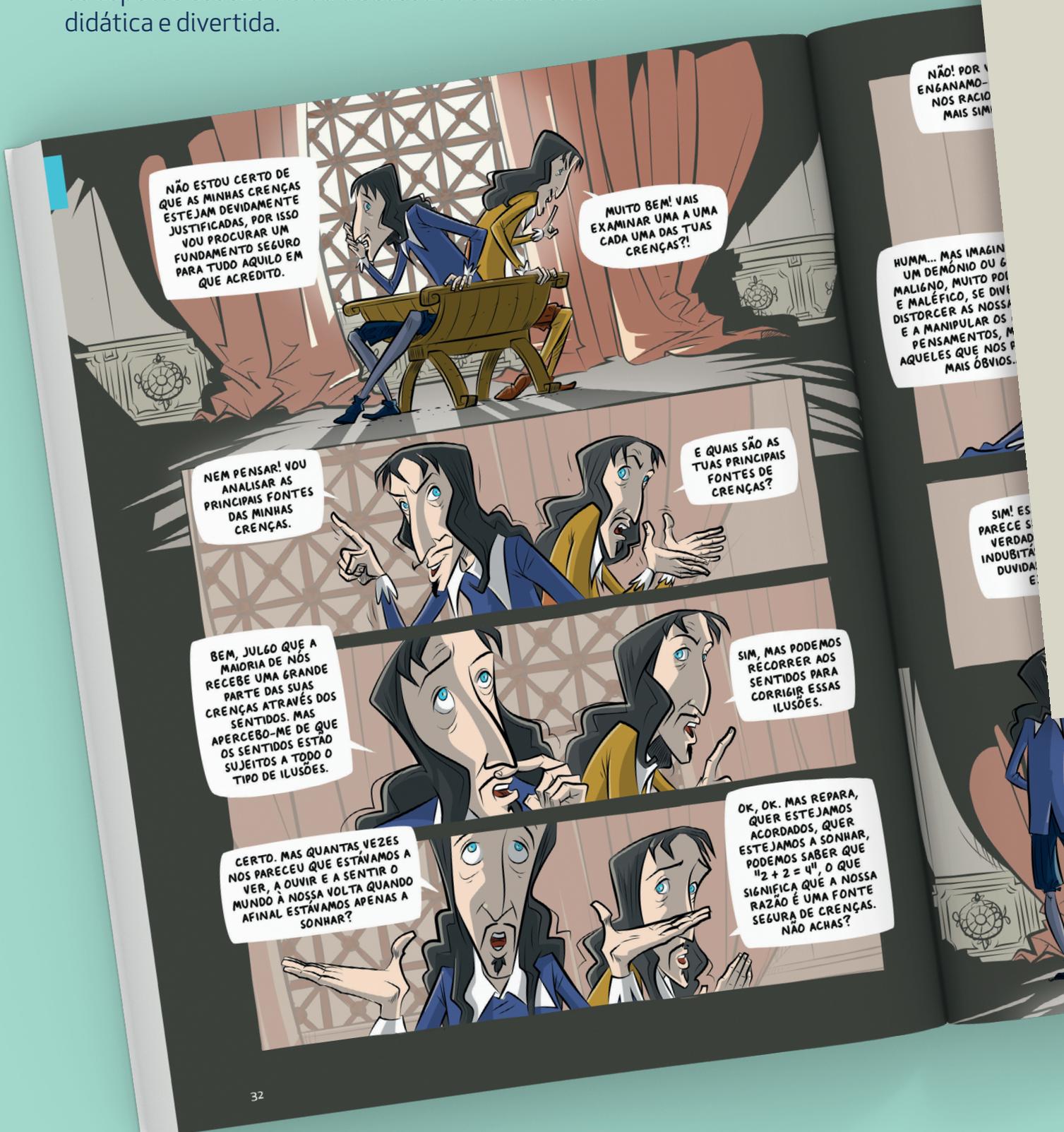
Russell: Adeus, Russell!



Os mesmos diálogos estão disponíveis sob a forma de divertidas animações em Aula Digital.

Recursos que tornam o ensino da filosofia estimulante e apelativo

Diálogos apresentados sob a forma de atraentes **bandas desenhadas** ajudam o aluno a captar os aspetos essenciais da discussão de uma forma didática e divertida.





CAROS ALUNOS, PEÇO-VOS QUE PEGUEM NUM LÁPIS, OBSERVEM E APONTEM O QUE OBSERVARAM.

MAS, PROFESSOR, VAMOS OBSERVAR O QUÊ?

A MINHA INSTRUÇÃO É MUITO CLARA: OBSERVEM. É SÓ ISSO QUE VÓS PEÇO.

CÁ PARA MIM, VÓS É MAIS

MAS O QUE VAMOS OBSERVAR? SERÁ QUE O PROFESSOR QUER QUE OBSERVEMOS ALGUMA COISA EM PARTICULAR NESTA SALA? MAS O QUÊ? A MIM, NÃO ME PARECE EXISTIR NESTA SALA NADA PARA OBSERVAR, OU SERÁ QUE HÁ?

SE ESTIVÉSSEMOS NOUTRO SÍTIO, ATÉ SERIA POSSÍVEL. POR EXEMPLO, LÁ FORA, PODERÍAMOS OBSERVAR O CAUDAL DO RIO OU A AFLUÊNCIA DOS PEIXES...

POIS, MAS CLARO QUE NÃO É ISSO, NÃO VAIS OBSERVAR UMA DAS CADEIRAS. VAIS ESPERAR QUE ACONTEÇA O QUÊ?

GOSTO DA FORMA COMO ISTO SOA. BOM TRABALHO, RENÉ!

CLIVE BELL E OUTRO CRÍTICO APRECIAM O QUADRO DE WILLIAM POWELL FIRTH, A ESTAÇÃO DE PADDINGTON (1866).

QUE ACHAS DESTA PINTURA, BELL?

NÃO ACHO QUE TENHA GRANDE VALOR ARTÍSTICO.

MAS É TÃO RICA, TÃO CHEIA DE PORMENORES! UM RETRATO PERFEITO DA NOSSA SOCIEDADE!

AQUI A LINHA E A COR SERVE PARA RELATAR HISTORIETAS E MOSTRAR OS COSTUMES DE UMA ÉPOCA ...

... E NÃO PARA PROVOCAR UMA EMOÇÃO ESTÉTICA!

O CONTEÚDO DESCRITIVO NÃO PODE COEXISTIR COM UMA FORMA PODEROSA?

AQUI O CONTEÚDO SOBREPÕE-SE À FORMA E O QUADRO NÃO É CAPAZ DE NOS DESLIGAR DAS EMOÇÕES QUE SENTIMOS, PERANTE SITUAÇÕES DO QUOTIDIANO ...

... POR ISSO, NÃO É CAPAZ DE PROVOCAR UMA GENUÍNA EMOÇÃO ESTÉTICA, UMA EMOÇÃO QUE SENTIMOS PERANTE A MERA CONTEMPLAÇÃO DE CERTAS ESTRUTURAS FORMAIS.

Recursos que tornam o ensino da filosofia estimulante e apelativo

Fichas formativas complementadas por testes interativos na Aula Digital.

são afinal uma e a mesma maçã, então não pode acontecer que uma delas seja vermelha e a outra não. Do mesmo modo, se a mente e o corpo fossem uma e a mesma coisa, então não se daria o caso de podermos conceber existir sem um corpo e não podermos conceber existir sem uma mente.

Por isso, Descartes é conduzido à conclusão de que a mente e o corpo são coisas distintas.

Esta posição chama-se **"dualismo cartesiano"** ou **"dualismo mente-corpo"**, pois defende que existem duas esferas da realidade de natureza inteiramente diferente: o corpo – de natureza física – e a mente/alma – de natureza imaterial.

Depois de estabelecer esta distinção, Descartes apercebe-se de que a sua essência ou natureza, se identifica com a mente e não com o corpo. Para justificar essa identificação, Descartes completa o argumento anterior nos moldes que se seguem:

Parteil

- (5) Uma determinada propriedade faz parte da essência de x se, e só se, não é possível conceber x sem essa propriedade.
- (6) Logo, ter uma mente/alma, e não um corpo, faz parte da minha essência. (de 1.

Para entender o que está a ser afirmado na **premissa 5**, imagina o seguinte: tenta imaginar o que seria um quadrado sem ter quatro lados? Não, pois não! Então é por quatro lados faz parte da essência de um quadrado. Ora, acrescentando esta ideia à que é afirmado na **premissa 2** da primeira parte deste argumento – a saber, a ideia de que posso conceber que existo sem uma mente/alma –, Descartes é conduzido à conclusão de que é essencialmente uma mente ou alma pensante.

Consequentemente, enquanto não provarmos que o Génio Maligno não existe, a única coisa que podemos saber é que existimos enquanto seres mentais/espirituais, mas nem sequer podemos ter a certeza de que este corpo, que representamos como nosso, realmente existe.

#agora_pensa

REVISÃO

1. A certeza do cogito é suficiente para demonstrar que temos um corpo e restaurar a nossa confiança na experiência sensível? Porquê?
2. Em que consiste o dualismo cartesiano?
3. Qual é o principal argumento apresentado por Descartes a favor do dualismo?

DISCUSSÃO

4. Posso conceber que existo sem um corpo, mas não posso conceber que existo sem uma mente/alma. Logo, sou uma mente/alma e não um corpo. Concordas? Porquê?

36

Questões do manual complementadas por atividades interativas na Aula Digital.

#agora_pensa_mais

Análise comparativa de duas teorias explicativas do conhecimento

CONSOLIDA OS TEUS CONHECIMENTOS

GRUPO I - Selecciona a alternativa correta.

10 x 7 pontos = 70 pontos

1. "De acordo com a definição tripartida de conhecimento, uma crença verdadeira é necessária para o conhecimento". Esta afirmação é...
 - ✓ A. verdadeira, embora a crença verdadeira não seja suficiente para o conhecimento.
 - B. verdadeira, pois a crença verdadeira não só é necessária como é suficiente para o conhecimento.
 - C. falsa, embora a crença verdadeira seja suficiente para o conhecimento, ela não é necessária.
 - D. falsa, pois a crença verdadeira não é necessária nem suficiente para o conhecimento.
2. O ceticismo defende que...
 - A. a justificação não é necessária para o conhecimento.
 - B. apenas as crenças básicas constituem conhecimento.
 - C. apenas as crenças não-básicas constituem conhecimento.
 - ✓ D. não existem crenças básicas.
3. O fundacionalismo sustenta que...
 - A. não há conhecimento.
 - B. todas as crenças se justificam com base noutras crenças.
 - C. nenhuma crença se justifica com base noutras crenças.
 - ✓ D. nem todas as crenças se justificam com base noutras crenças.
4. Presta atenção aos enunciados que se seguem e selecciona a opção correta.
 1. Os solteiros não são casados.
 2. Nenhum irmão é filho único.
 3. Alguns solteiros são estudantes.
 4. As órbitas planetárias são aproximadamente elípticas.Expressam conhecimento *a priori*...
 - ✓ A. apenas 1 e 2.
 - B. apenas 3 e 4.
 - C. apenas 2 e 3.
 - D. apenas 1 e 4.

80

ANÁLISE COMPARATIVA DE DUAS TEORIAS EXPLICATIVAS DO CONHECIMENTO

Ao longo do manual surgem **desafios** que interpelam o aluno e o convidam a pensar de forma autónoma, antes de conhecer as teorias da história da filosofia.

#desafio

E agora? Será que esta constatação permite saber algo, além do facto de que existimos enquanto seres pensantes?

que lhes corresponda diretamente, coisas como cidades de ouro, sereias, centauros?

#desafio

Assim sendo, como poderá Hume explicar o facto de termos ideias de coisas que nunca experienciámos, como cidades de ouro, sereias, centauros?



Uma visão integradora de cada capítulo na rubrica **#como_pensar_tudo_isto?**, ligando as principais ideias estudadas ao Laboratório mental inicial.

#como_pensar_tudo_isto?

No início deste capítulo, assistimos a um estranho diálogo entre Catarina Vidal, a curadora de uma galeria, e um potencial cliente. A discussão envolvia uma alegada escultura de um artista famoso que, afinal, veio a revelar não ser nada mais nada menos que uma vulgar pedra. A curadora enfrenta uma decisão: encarar a pedra como uma obra de arte, e vendê-la nessa qualidade, ou recusar-se a atribuir-lhe esse estatuto e, nesse caso, tratá-la como uma pedra vulgar.



Se Vidal fosse adepta de uma **teoria representacionista** da arte, poderia recusar-se a atribuir à pedra o estatuto de obra de arte, pois esta é, efetivamente, uma pedra e não uma representação de uma pedra.

Se optasse pela **teoria expressivista**, também não teria razões para considerar que a pedra era uma obra de arte, pois, uma vez que esta foi esculpida pela erosão causada por agentes naturais, dificilmente se poderia defender que ela corresponde a uma expressão imaginativa de emoções por parte de um autor.

Por outro lado, se Vidal defendesse a versão da **teoria formalista** apresentada por Bell, também não atribuiria à pedra o estatuto de obra de arte, pois, como vimos, embora Bell reconheça que a beleza natural também tem a capacidade de nos emocionar, essa emoção não se deve confundir com uma emoção, genuinamente estética, a qual apenas pode ser provocada por produções humanas ou artefactos.

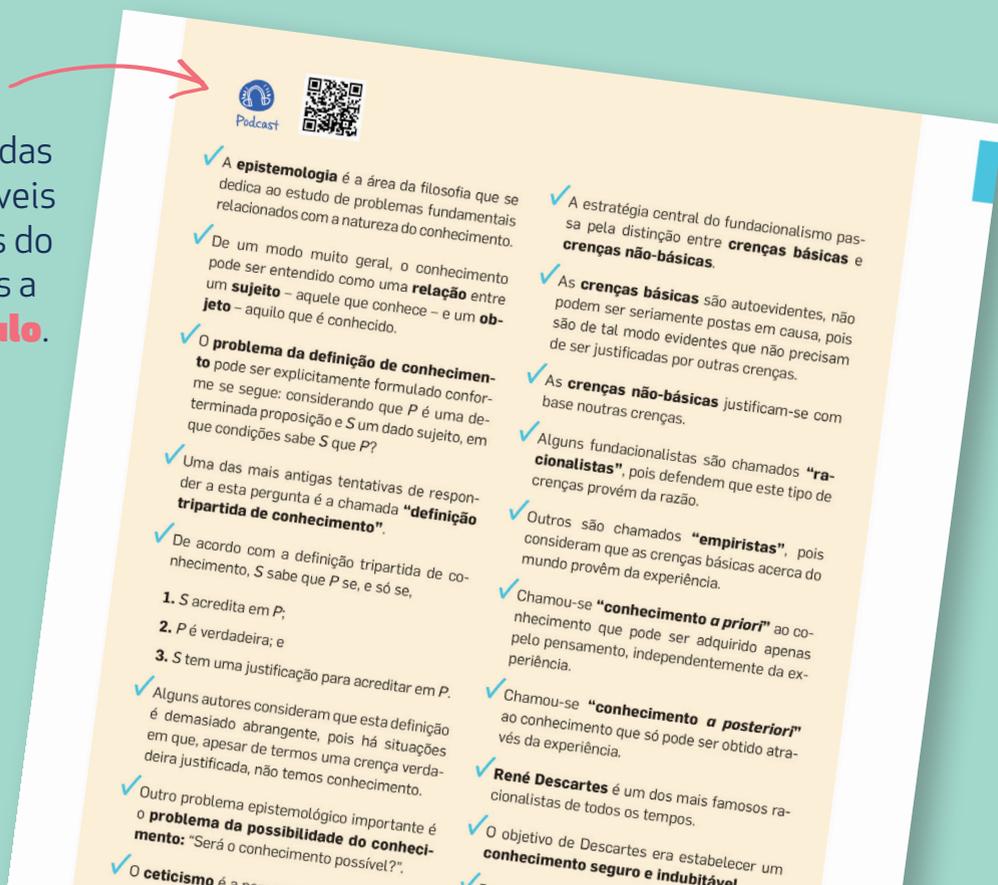
Assim sendo, se queria vender a pedra enquanto obra de arte, a curadora seria forçada a rejeitar qualquer uma destas três teorias essencialistas.

Para isso, poderia optar por defender a **teoria institucional** da arte e, nesse caso, assumir ela mesma, enquanto representante do mundo da arte, o risco de apresentar essa pedra como candidata à apreciação, outorgando-lhe desta forma o estatuto de obra de arte.

Alternativamente, também poderia defender a **teoria histórica da arte** e dizer que tinha uma intenção séria de fazer com que aquela pedra, que por sinal lhe pertence, fosse encarada como um desafio ao próprio conceito de "arte" – como acontece, por exemplo, com alguns dos *ready-made* de Marcel Duchamp.

E tu? O que pensas de tudo isto? Será que aquela pedra deve ser vista como uma obra de arte? Porquê?

Podcasts com resumos de todas as matérias, acessíveis a partir das páginas do manual destinadas a **Síntese de capítulo**.



Podcast

- ✓ A **epistemologia** é a área da filosofia que se dedica ao estudo de problemas fundamentais relacionados com a natureza do conhecimento.
- ✓ De um modo muito geral, o conhecimento pode ser entendido como uma **relação** entre um **sujeito** – aquele que conhece – e um **objeto** – aquilo que é conhecido.
- ✓ O **problema da definição de conhecimento** pode ser explicitamente formulado conforme se segue: considerando que *P* é uma determinada proposição e *S* um dado sujeito, em que condições sabe *S* que *P*?
- ✓ Uma das mais antigas tentativas de responder a esta pergunta é a chamada "**definição tripartida de conhecimento**".
- ✓ De acordo com a definição tripartida de conhecimento, *S* sabe que *P* se, e só se,
 1. *S* acredita em *P*;
 2. *P* é verdadeira; e
 3. *S* tem uma justificação para acreditar em *P*.
- ✓ Alguns autores consideram que esta definição é demasiado abrangente, pois há situações em que, apesar de termos uma crença verdadeira justificada, não temos conhecimento.
- ✓ Outro problema epistemológico importante é o **problema da possibilidade do conhecimento**: "Será o conhecimento possível?".
- ✓ O **ceticismo** é a...
- ✓ A estratégia central do **fundacionalismo** passa pela distinção entre **crenças básicas** e **crenças não-básicas**.
- ✓ As **crenças básicas** são autoevidentes, não podem ser seriamente postas em causa, pois são de tal modo evidentes que não precisam de ser justificadas por outras crenças.
- ✓ As **crenças não-básicas** justificam-se com base noutras crenças.
- ✓ Alguns fundacionalistas são chamados "**racionalistas**", pois defendem que este tipo de crenças provém da razão.
- ✓ Outros são chamados "**empiristas**", pois consideram que as crenças básicas acerca do mundo provém da experiência.
- ✓ Chamou-se "**conhecimento a priori**" ao conhecimento que pode ser adquirido apenas pelo pensamento, independentemente da experiência.
- ✓ Chamou-se "**conhecimento a posteriori**" ao conhecimento que só pode ser obtido através da experiência.
- ✓ **René Descartes** é um dos mais famosos racionalistas de todos os tempos.
- ✓ O objetivo de Descartes era estabelecer um **conhecimento seguro e indubitável**.

Recursos que tornam o ensino da filosofia estimulante e apelativo



Simulador Epistemicamente 1.0

Simulador em que são apresentadas situações-problema nas quais o utilizador é convidado a decidir se o caso apresentado constitui conhecimento ou não.

As escolhas são contabilizadas para que o aluno receba um *feedback* personalizado quanto à sua inclinação no que diz respeito ao problema da possibilidade do conhecimento (racionalismo, empirismo ou ceticismo).



Simulador Esteticamente 1.0

Simulador em que são apresentados diversos artefactos escondidos dentro de uma mina.

Depois de analisar os artefactos, o utilizador deve determinar se, na sua opinião, são ou não obras de arte.

Quando todas as suas escolhas são contabilizadas, recebe um *feedback* personalizado quanto à teoria da arte para que tem maior inclinação.



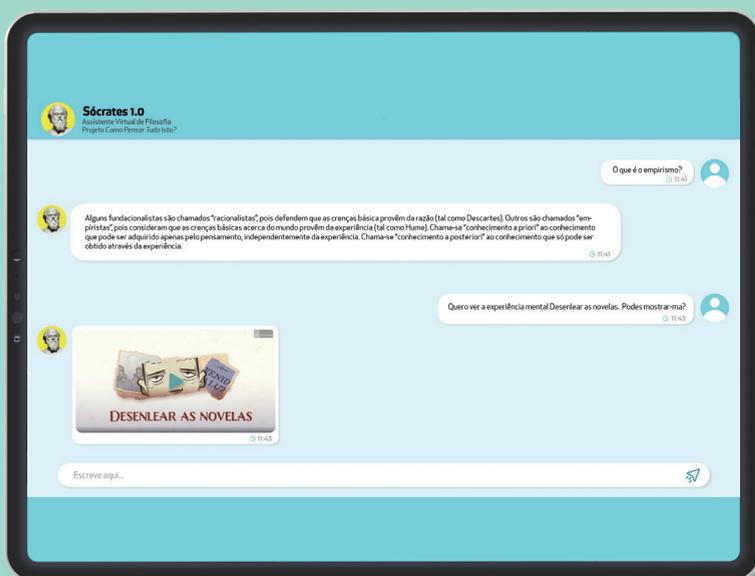
Jogo Inquietamente 1.0

Neste jogo, o utilizador é um estudante de filosofia que procura posicionar-se no que diz respeito ao problema da possibilidade do conhecimento.

Contará com a ajuda de Sócrates, que o guiará numa viagem pelo mundo do saber filosófico, explorando as ilhas do ceticismo, do racionalismo e do empirismo.

Em cada localização, deverá demonstrar ter conhecimentos sobre os princípios de cada corrente.

No final, é convidado a escolher qual a corrente com que mais se identifica, momento em que Sócrates questionará a sua escolha, apresentando críticas à corrente escolhida.

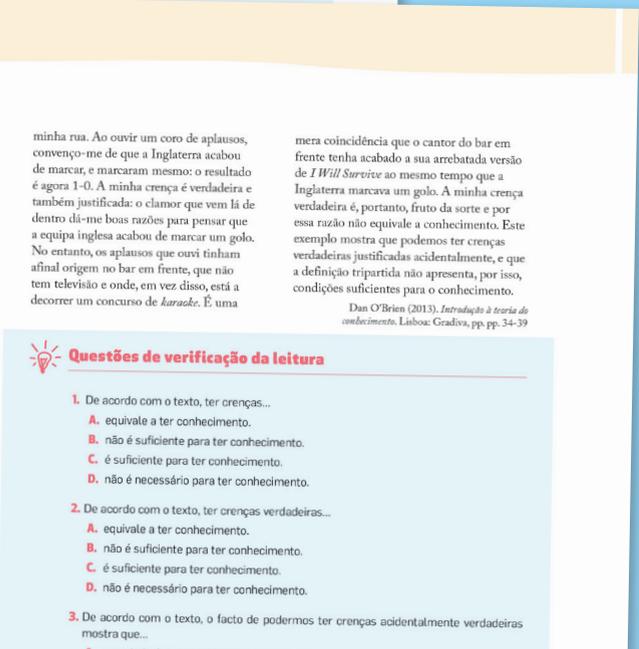
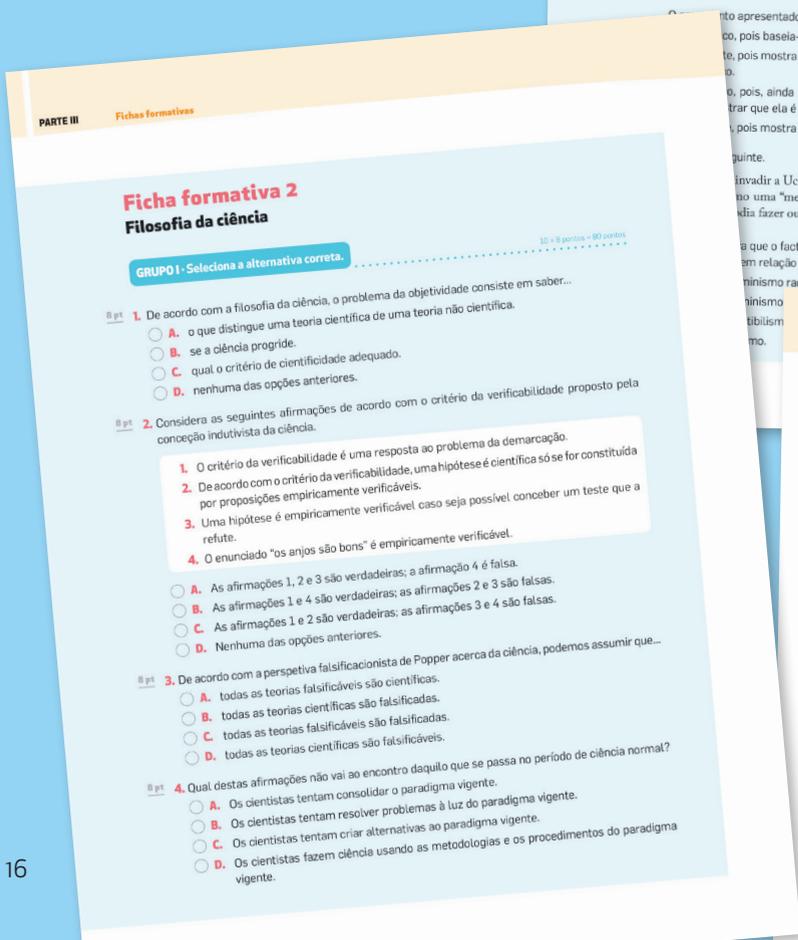
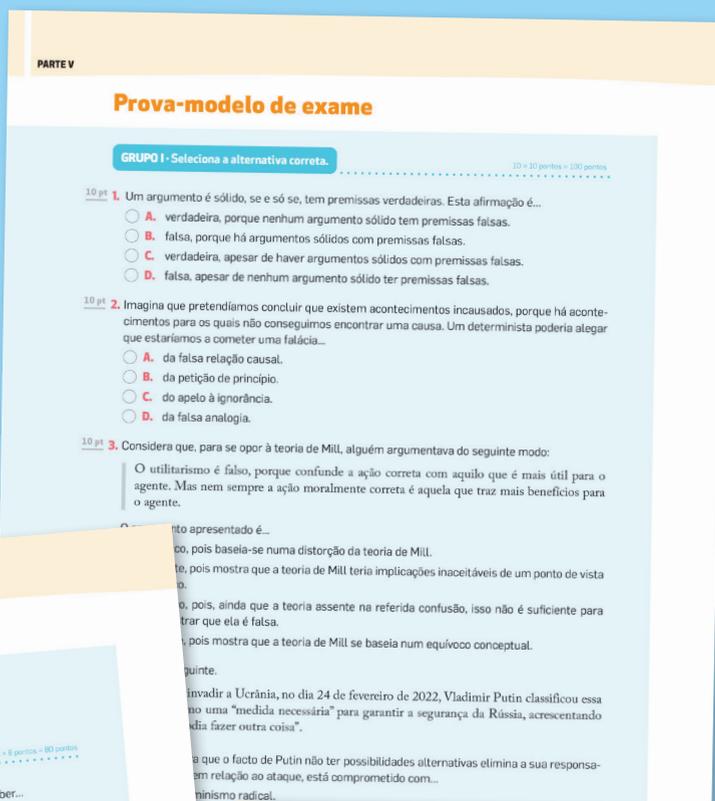
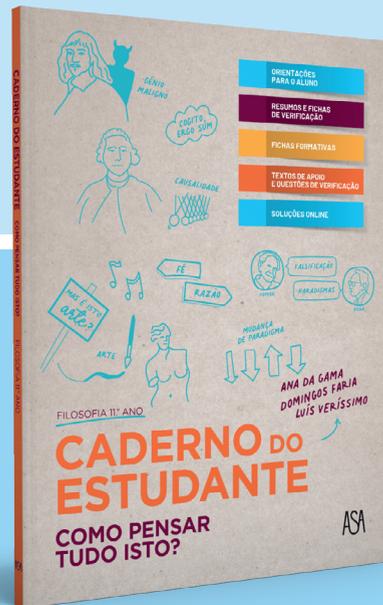


Chatbot Sócrates 1.0

Assistente virtual que permite que o utilizador coloque questões sobre a matéria de Filosofia (10.º e 11.º anos), sendo as mesmas respondidas com informação em texto ou com sugestões para consulta de recursos multimédia.

Caderno do Estudante

- Orientações para o aluno
- Resumos e fichas de verificação
- Fichas formativas
- Textos de apoio e questões de verificação
- Prova-modelo de exame
- Soluções online

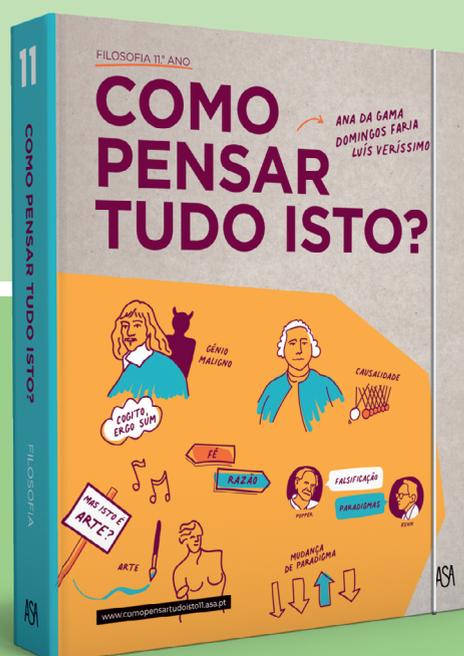


Dossiê do Professor

Inclui:

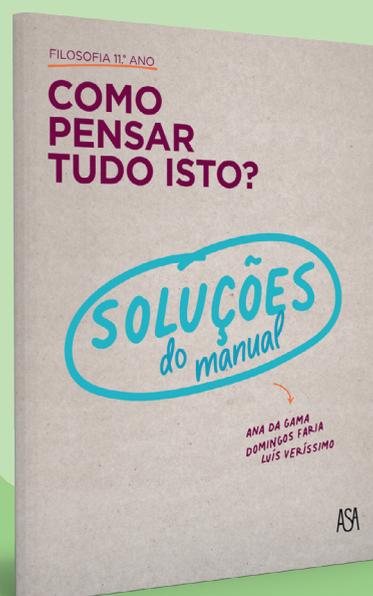
- Apresentação
- Guião de recursos multimédia
- Guiões de visionamento de filmes
- Planificações
- Cidadania e Desenvolvimento e DAC
- Laboratórios mentais
- Material complementar
- Fichas de avaliação + Soluções/ Cenários de resposta*
- Questões + Soluções/Cenários de resposta
- Temas/Problemas
 - A redefinição do humano pela tecnociência
 - A legitimidade da experimentação animal
- Como avaliar ensaios filosóficos
- Como avaliar apresentações orais

* Cenários de resposta organizados por níveis de desempenho para facilitar a correção.



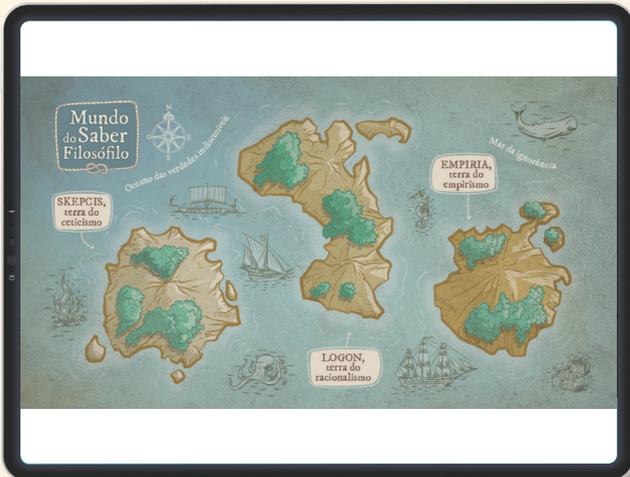
Caderno de Soluções

Em formato pequeno e prático, inclui as soluções de todas as questões do manual (rubricas #agora_pensa e #agora_pensa_mais)*





Inquietamente 1.0



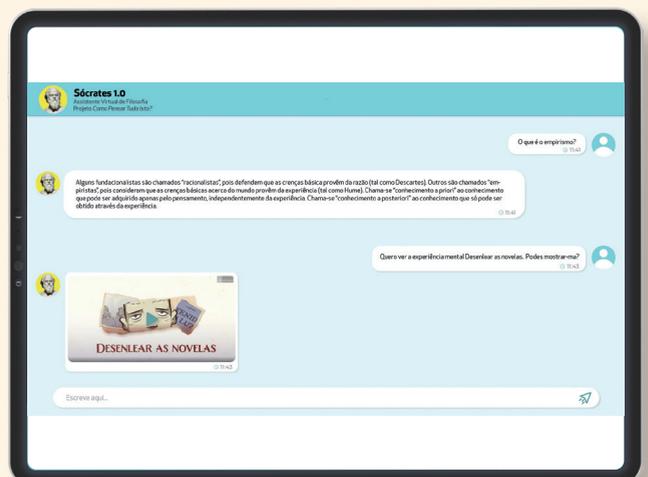
Esteticamente 1.0



Epistemicamente 1.0



Chatbot Sócrates 1.0



O que pode encontrar?



- **Simulador Epistemicamente 1.0**
O aluno recebe *feedback* personalizado quanto à sua inclinação no que diz respeito ao problema da possibilidade do conhecimento.
- **Simulador Esteticamente 1.0**
O aluno recebe *feedback* personalizado quanto à teoria da arte para que tem maior inclinação.
- **Jogo Inquietamente 1.0**
Ajuda o aluno a posicionar-se no que diz respeito ao problema da possibilidade do conhecimento.
- **Chatbot Sócrates 1.0**
Assistente virtual que permite que o utilizador coloque questões sobre a matéria de Filosofia (10.º e 11.º anos), sendo as mesmas respondidas com informação em texto ou com sugestões para consulta de recursos multimédia.
- **Atividades interativas complementares** para todas as secções de exercícios do manual
- **Divertidas animações de diálogos entre filósofos.** Os diálogos recriam o ambiente da popular aplicação WhatsApp.
- **Animações de Laboratórios mentais**
- **Apresentações em Power Point** para os capítulos 1 a 4
- **Canal YouTube do projeto** com vídeos relacionados com todos os capítulos
- **Resumos áudio** para todos os capítulos
- **Testes interativos** para o aluno e outros exclusivos do professor
- **Conteúdos do Dossiê do Professor em Word** para facilitar a adaptação dos recursos às necessidades dos professores



- **Vídeos** para compreender e rever melhor a matéria
- **Quizzes** rápidos com explicação imediata
- **Avaliação do progresso**
- **Acesso** em qualquer lugar

COMO PENSAR TUDO ISTO?

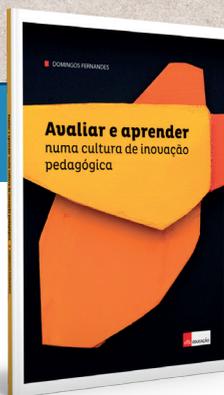
Rigor

Criatividade

Alinhamento com as
Aprendizagens Essenciais,
o Perfil dos Alunos
à Saída da Escolaridade
Obrigatória e as Provas
de Avaliação Externa
de Filosofia

- Um manual para ensinar como pensar
- Um manual adaptável a diversas necessidades
- Recursos que tornam o ensino da filosofia estimulante e apelativo

Avaliar e aprender numa cultura de inovação pedagógica



DOMINGOS FERNANDES

AVALIAÇÃO BASEADA EM CRITÉRIOS

Uma proposta de orientação prática, que apoia uma efetiva avaliação baseada em critérios.

Nesta publicação destacamos:

- Avaliação formativa e sumativa: conceitos, propósitos e práticas
- Critérios de avaliação e a sua utilização na avaliação e na classificação
- Diversificação dos processos de recolha de informação
- Participação dos alunos nos processos de avaliação

Para futuros utilizadores do projeto

Um apoio efetivo à implementação de uma avaliação baseada em critérios, com explicação detalhada sobre a operacionalização em sala de aula.

Consulte o webinar mais recente sobre a temática através do [código QR](#).



WEBINAR
EXCLUSIVO



AVALIAÇÃO BASEADA EM CRITÉRIOS

Saber mais:



ASA

LeYa EDUCAÇÃO

www.leyaeducacao.com